



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO - UNIRIO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE TEATRO
GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM TEATRO

FRICCIONANDO AS NOÇÕES DE RACISMO E CAPACITISMO:
o processo de racialização dos corpos na Oficina de Teatro Circulando (UNIRIO)

LORENA GONÇALVES LIMA

RIO DE JANEIRO
2022



LORENA GONÇALVES LIMA

**FRICCIONANDO AS NOÇÕES DE RACISMO E CAPACITISMO:
o processo de racialização dos corpos na Oficina de Teatro Circulando (UNIRIO)**

Trabalho de Conclusão de Curso a ser apresentado ao Departamento de Ensino do Teatro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), Centro de Letras e Artes como pré-requisito para obtenção do grau de Licenciado em Teatro, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Angela Reis.

RIO DE JANEIRO
2022



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE TEATRO
GRADUAÇÃO EM TEATRO
MODALIDADE LICENCIATURA

FRICCIONANDO AS NOÇÕES DE RACISMO E CAPACITISMO:
o processo de racialização dos corpos na Oficina de Teatro Circulando (UNIRIO)

LORENA GONÇALVES LIMA

Trabalho de Conclusão de Curso

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Angela de Castro Reis – UNIRIO
Orientadora

Profª Drª Carmela Corrêa Soares – UNIRIO

Profª Drª Viviane Becker Narvaes – UNIRIO

Nota: _____

Rio de Janeiro, de outubro de 2022.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a minha mãe, Janice Gonçalves dos Santos, por dizer, insistentemente, a frase: “a educação é a única coisa que ninguém tira de você”. Obrigada por me defender e me apoiar. Ao meu pai, Antônio Wagner de Lima, obrigada pelo amor e apoio. Ter um pai coruja faz toda diferença.

Agradeço a toda minha família e, especialmente, dona Valdice, minha avó, que me ensinou que, para se viver bem, só precisa de amor, saúde e uma rede para balançar. Vocês são minha base, minha força e meu respiro.

Agradeço, também, a:

Angela Reis por aceitar me orientar e estar comigo nessa jornada (quase) solitária que é a escrita, mas cheia de sorrisos. Que venham mais cafés nossos;

Aos meus professores da UNIRIO e de outras fases da vida pela coragem de se dedicarem ao magistério e à arte. Agradeço, em especial, a Carmela Soares e Viviane Narvaes por me darem a honra de integrarem essa banca;

Julio Angelo, meu irmão da vida que tive a sorte de reencontrar dentro da Universidade. Obrigada por retirar viseiras que tapavam meus olhos e me dar a mão nesse caminho árduo que é se colocar politicamente e amorosamente no mundo. Amo você, astronauta;

Lorena Lima, por me dar apoio, carinho e por, também, ser um ninho;

Todos os meus colegas e amigos que fiz dentro da Universidade. Vocês sabem quem são. Obrigada por me manter de pé e me presentear com memórias que ficarão guardadas para sempre dentro do coração;

Tavie Gonzalez e Ulli Castro, que apareceram como parceiras de trabalho no projeto Circulando e, agora, mostram-se como parceiras de vida. Obrigada pela generosidade e amor, minhas amigas;

Joana Tavares e Adriana Bonfatti por lutarem pelo projeto Circulando, coordenando-o com todo cuidado e generosidade;

Coletivo Teatro de Operações, que fundou nosso Circulando com toda dedicação e desejo;

Aos participantes e responsáveis que fazem parte da Oficina de Teatro Circulando por acreditarem em nós e por me ensinarem, dentre muitas coisas, que confiança é a chave. Sem vocês, nada seria possível.

RESUMO

Este estudo tem por objetivo não só analisar os conceitos de Racismo e Capacitismo mas, também, friccionar suas noções, refletindo sobre como o preconceito e discriminação contra indivíduos negros atravessa corpos de pessoas com deficiência (PcD's) - no caso deste trabalho, pessoas neurodivergentes negras. É usado como principal campo de pesquisa o projeto de extensão *Oficina de Teatro Circulando: Ateliê de Teatro para jovens com transtornos mentais* (UNIRIO), do qual passei a fazer parte em 2019. O primeiro capítulo trata do meu percurso inicial na UNIRIO, do meu entendimento enquanto mulher negra de pele clara brasileira e como todos esses processos influenciaram na escrita deste trabalho. Do segundo capítulo em diante, entro, mais especificamente, nos conceitos de Racismo e Capacitismo, como essas noções impactam corpos negros neurodivergentes, como trabalhamos tal fato na Oficina de Teatro Circulando - racializando não só seus corpos, mas nosso olhar - e, ainda, como podemos perpetuar essa discussão na sociedade como um todo, rompendo os muros da Universidade e desvendando possíveis caminhos de cura. O TCC conta, ainda, com um caderno de jogos, organizado desde 2019.

Palavras-chave: Racismo. Capacitismo. Racializando.

ABSTRACT

This study intends not only to analyze concepts of Racism and Ableism, but also relating their notions, reflecting of how prejudice and discrimination against black individuals crosses bodies of people with disabilities (PwD's) - in this case, black neurodivergent people. The main field of research is the extension project *Oficina de Teatro Circulando: Ateliê de Teatro para jovens com transtornos mentais* (UNIRIO), which I entered in 2019. The first chapter deals with my initial path at UNIRIO, my understanding as a light-skinned black Brazilian woman and how all these processes influenced the writing of this study. From the second chapter onwards, I go specifically into the concepts of Racism and Ableism, how these notions impact neurodivergent black bodies, how we work on this fact in the Oficina de Teatro Circulando - racializing not only their bodies, but our gaze - and, still, how can we perpetuate this discussion in society as a whole, breaking through the walls of the University and uncovering possible paths of healing. The study also has an *anti-gaming* notebook, organized since 2019.

Keywords: Racism. Ableism. Racializing.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1 – Pisando na UNIRIO.....	11
1.1 Entendendo os conceitos.....	13
CAPÍTULO 2 – Oficina de Teatro Circulando.....	20
2.1 Racializando corpos autistas na Oficina.....	21
2.2 Participantes negros na Oficina - trilhando caminhos.....	24
2.2.1 Caso L.	24
2.2.2 Caso F.....	30
CAPÍTULO 3 – IV Encontro Circulando com o Autismo.....	34
CAPÍTULO 4 – Jogos dos Instantes.....	40
4.1. Um caderno de anti-jogos.....	40
CONCLUSÃO.....	47
REFERÊNCIAS.....	50

INTRODUÇÃO

A Escrita

É o seguinte: eu preciso escrever.

Ô coisinha difícil...

Organizar palavra no papel

Organizar ideia - pensamento - desejo - sonho - sentimento

Escrever é perigoso

Escrever é cutucar a onça com vara curta

Escrever dói.

Sangra mesmo, porque a memória grita.

Memória que não é nem só minha.

É da minha tataravó, tataravô, tataratataravó, tataratataravô, tataratataravô-que-eu-nem-conheci
que nem sei o nome

nem a história.

Até Gil perguntou

onde é que tá?

Apagaram os seus nomes dos livros, mas tô aqui por isso.

Escrever pelos meus e com os meus.

Escrever é ato de coragem

É ser dona da própria história

dona da própria boca - boca que tentaram calar por muito tempo mas não calam mais porque
a máscara de Anastácia

es

ti

lha

çou

.

.

.

Olha eu aqui

falando com vocês.

Ou melhor

Olha a gente aqui

Porque sozinha, nunca.

Sempre acompanhada

pelos meus e minhas que não vejo,

mas sinto.

Anastácia era uma mulher linda, de olhos penetrantes. Como a maioria das pessoas negras no Brasil vindas de África, não conhecemos sua história com exatidão. Muitos dizem que ela era nascida em Angola e filha de uma família real Kimbundo. Outros dizem que sua mãe, vinda do continente africano, foi levada para a Bahia, vendida como escravizada e estuprada por um senhor branco, nascendo, assim, Anastácia. O que une ambas as histórias é o fato de ela ter sido forçada a usar um colar de ferro muito pesado e a máscara de flandres, que a impedia de falar, tirando-a em momentos muito restritos apenas para comer. O castigo teria sido imposto, supostamente, por seu ativismo político no auxílio em fugas de outros escravizados. Dizem, também, que teria sido obrigada a usar a máscara para sempre por ter resistido fortemente a assédios sexuais do senhor branco. Após muito tempo, Anastácia morreu de tétano causado pelo colar de ferro em seu pescoço. Ela se tornou uma das maiores figuras de resistência e de fé da história do Brasil, tornando-se um símbolo político e religioso muito forte (KILOMBA, 2019).

Faço questão de trazer a imagem de Anastácia sem a máscara, a partir da obra “Anastácia Livre”, de Yhuri Cruz¹, a fim de evidenciar uma ótica de emancipação, liberdade e fé - enquanto arte-educadora, a esperança e fé é onde me apoio para o mundo que acredito, mundo este onde podemos livrar a figura de Anastácia e de nosso povo de toda e qualquer tentativa de silenciamento. Logo na introdução de seu livro “Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano”, a artista interdisciplinar, escritora e teórica Grada Kilomba traz a ideia de que, ao escrever, “eu sou quem descreve minha própria história, e não quem é descrita. Escrever, portanto, emerge como um ato político”. Assim, estilhaçar a máscara de Anastácia é emergir, resistir e acreditar.

¹ Em 2019, Yhuri Cruz foi o responsável por criar a obra “Anastácia Livre”, que retira a mordaça de Anastácia e evidencia um leve sorriso no rosto da mulher. Em seu site oficial, Yhuri ainda diz: “Anastácia Livre é uma viagem no tempo. É voltar ao passado e libertar essa mulher negra escravizada que veio do Congo no século XVIII e foi condenada à mordaça pelo resto da vida por lutar contra um homem branco que a violentou sexualmente. Se tornou a ‘escrava santa’ por sua firmeza, mas refém de uma iconografia colonial”. Disponível em: <<https://yhuricruz.com/2019/06/04/monumento-a-voz-de-anastacia-2019/>>



Oração a Anastácia Livre

Festa dias 12 e 13 de Maio.
Comemora-se todos os dias 12 e 13.

Se você está com algum PROBLEMA DE DIFÍCIL SOLUÇÃO e precisa de AJUDA URGENTE, peça esta ajuda a Anastácia Livre.

ORAÇÃO

Vemos que algum algoz fez da tua vida um martírio, violentou tiranicamente a tua mocidade, vemos também no teu semblante macio, no teu rosto suave, tranquilo, a paz que os sofrimentos não conseguiram perturbar.

Isso quer dizer que **sua luta** te tornou superior, **conquistaste tua voz**, tanto que Deus levou-te para as planuras do Céu e deu-te o poder de fazeres curas, graças e milagres mil a **quem luta por dignidade**.

Anastácia, **és livre**, pedimos-te ... roga por nós, proteja-nos, envolve-nos no teu manto de graças e com teu olhar bondoso, firme e penetrante, afasta de nós os males e os maldizentes do mundo.

Monumento à voz de Anastácia
Yhuri Cruz, 2019

Fonte: Yhuri Cruz (2019)

A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para 'ninar os da casa grande' e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.

Conceição Evaristo, *Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita* (2005).

Neste trecho escrito pela poetisa, educadora e escritora Conceição Evaristo, evidencia-se um costume do período colonial, o qual mulheres escravizadas tinham como dever contar histórias de dormir para os filhos de seus senhores. Na verdade, mais do que evidenciar, Conceição Evaristo encontrou um meio extremamente poético de denúncia, explicitando que nossas vozes não serão mais escravizadas; a máscara de Anastácia, que antes a prendia, estilhaçou e, agora, nossas vozes tornam-se um meio de contar as nossas próprias histórias.

Iniciar nossa discussão com Anastácia e dona Conceição é a forma que encontro de enaltecer aquelas que vieram antes de nós; nossas matriarcas que geraram e conceberam - com muita luta - possibilidades, como a de estarmos dentro da Academia discorrendo sobre essência e humanidade. Afinal, discutir sobre existências dissidentes e marginalizadas sempre há de ser um grito, um sopro de esperança e a continuação de um trabalho ancestral de abertura de caminhos. Muito obrigada aos que passaram.

Aos que virão, coragem e fé.

1. PISANDO NA UNIRIO

Conceição Evaristo traz o conceito de *escrevivência* para tratar da escrita que nasce a partir da vivência de um indivíduo. Ou seja, cada pessoa escreve a partir de como a vida se mostra para tal. Assim, escolho, aqui, trazer à tona casos que permitem compreender como me coloco, hoje, refletindo sobre a necessidade de racialização dos corpos negros. Ou melhor, do nosso pensamento perante eles.

Há cinco anos, eu pisava na UNIRIO como caloura do curso de Licenciatura em Teatro. Ao subir as escadas do prédio do CLA, deparei-me com pichações nas paredes, as quais diziam “Pretos fedem!” e “KKK”, numa referência ao grupo supremacista e terrorista norte-americano Ku Klux Klan². Naquele momento, começaram uma enxurrada de pensamentos, alimentados por perguntas de pessoas próximas: “Você se identifica como uma mulher negra?”.

Para responder à questão, primeiro embarquei nas memórias mais profundas, como quando, aos 16 anos, em um curso livre de teatro, um professor me deu o papel de uma escravizada; a hipersexualização do meu corpo; ou como quando, ao entrar no local onde eu estava ensaiando, o segurança perguntou para mim e a amiga que me acompanhava - também negra - se nós tínhamos chegado para limpar as salas; o outro professor de teatro que, sem me perguntar, presumiu que eu saberia sambar só pela minha aparência; o primo de cabelo liso que pergunta porque não nasci com o “cabelo bom” como o dele; a senhora *de bem* de Copacabana que segurou a sua bolsa quando a parei na Barata Ribeiro para perguntar se ela sabia onde havia uma papelaria... Por coincidência (ou não), todas essas pessoas eram brancas. Este é o ponto: a branquitude sabe identificar, perfeitamente, quem é ou não negro, porque eles sabem quem são os que não fazem parte de seu mundo, *os Outros*, como diz Kilomba, em seu livro, ao trazer a seguinte ideia:

Dentro dessa infeliz dinâmica, o sujeito negro torna-se não apenas a/o *Outra/o* - o diferente, em relação ao qual o “eu” da pessoa branca é medido -, mas também “Outridade” - a personificação de aspectos repressores do “eu” do sujeito branco. Em outras palavras, nós nos tornamos a representação mental daquilo que o sujeito branco não quer parecer. (2019, p. 37)

² Foi uma milícia criminosa racista criada no sul dos EUA logo após a Guerra Civil Americana (1861-1865). O grupo formado por pessoas brancas reagiu à libertação dos escravos e a um projeto do governo chamado Reconstrução, que integraria os negros à sociedade. Responsável por massacres, estupros e linchamentos, entre outras atrocidades, a Klan passou por três fases históricas, todas repletas de ódio.

Ou seja, se algum dia você tiver alguma dúvida sobre sua identidade racial, pergunte a uma pessoa branca.

Todos esses acontecimentos e reflexões me fizeram, anos depois, procurar obras de outros teóricos e teóricas que tratavam do assunto, como Sueli Carneiro³, que disse uma vez que "uma das características do racismo é a maneira pela qual ele aprisiona o outro em imagens fixas e estereotipadas" (CARNEIRO, 2004). A [complexa e questionável] miscigenação brasileira unida ao racismo que tenta nos esconder faz com que esqueçamos que somos extremamente diversos, cheios de complexidades e camadas, e uma delas é o Colorismo, que também se mostra como um desdobramento do racismo, "um sistema sofisticado de hierarquização racial e de atribuição de qualidades e fragilidades que, no Brasil, é oriundo da implantação do projeto colonial português quando da invasão do território. Um sistema de valorização que avalia tributos (...) segundo um critério fundamentalmente eurocêntrico". (DEVULSKY, 2021). Em outras palavras, o Colorismo é a discriminação guiada pelo tom de pele da pessoa. Ou seja, um indivíduo sofrerá mais discriminação, preconceito e exclusão pela branquitude de acordo com sua quantidade de melanina. Ao contrário do racismo, que se orienta na identificação do sujeito como pertencente a certa raça para poder exercer a discriminação, o Colorismo se orienta somente na cor da pele de alguém. Isso quer dizer que, ainda que a mesma seja reconhecida como negra ou afrodescendente, a sua tonalidade será decisiva para o tratamento que a sociedade lhe dará. Alessandra Devulsky fala sobre essa discriminação ser baseada em um "critério fundamentalmente eurocêntrico", e isso ocorre pois o Colorismo é muito comum em países que sofreram o processo de escravização e que passaram pela colonização europeia.

Sendo assim, me identificar e me colocar neste mundo como uma pessoa negra clara foi - e ainda é, não nego - uma experiência carregada de complexidades. Afinal, apesar de ter a pele mais clara e, por isso, ter uma passabilidade social imensamente maior do que uma pessoa negra retinta, existem complexidades de ser uma mulher "negra demais para ser branca e branca demais para ser negra", frase comumente usada por este grupo de pessoas. Durante muito tempo, estive em uma espécie de limbo racial - que é extremamente difícil pelo fato de *identidade racial* ser uma questão que fala sobre a nossa existência no mundo - do qual não faço mais parte; o meu lugar neste mundo e nessa sociedade está mais do que evidente para mim, e é por esse motivo que escolhi dedicar o meu processo de formação na

³ Filósofa, escritora e ativista antirracismo do movimento social negro brasileiro, Aparecida Sueli Carneiro Jacoel nasceu em São Paulo em 1950. É Doutora em Filosofia pela USP e fundadora do GELEDÉS – Instituto da Mulher Negra, sendo considerada uma das mais relevantes pensadoras do feminismo negro no Brasil.

Universidade a esse tema que permeou grande parte da minha estadia nos muros da UNIRIO - e que irei carregar durante toda a minha existência.

No ano de 2017, teve início - mesmo que de forma extremamente embrionária e involuntária - o pensamento sobre este tema que você lê agora. Refletir sobre essas noções é uma forma de afirmar a minha própria existência e subjetividade. Inclusive, é daí que parte a discussão deste estudo: do desejo de continuar o meu processo de fortalecimento e de me colocar enquanto uma mulher negra de pele clara brasileira em espaços que não foram concebidos para a presença do meu corpo e, muito menos, para corpos mais retintos. Se eu tenho passabilidade social, que eu a use com sabedoria para ser escutada e abrir espaço para mim e para os meus.

Dado isso, podemos expandir essa ideia para além de uma vivência pessoal: como eu, enquanto arte-educadora, trabalho a fim de conquistarmos uma emancipação e fortalecimento da auto estima de pessoas negras? Como numa resposta, aparece, em 2019, a oportunidade de participar de um projeto de extensão, que se mostra como um grande ensejo para colocar em prática as múltiplas teorias que foram construídas em meus pensamentos.

A partir daí, encontro o projeto de extensão *Oficina de Teatro Circulando*.

Ou ele me encontra.

1.1. Entendendo os conceitos

Antes de adentrar nas especificidades sobre a racialização dos corpos dentro do meu principal campo prático de pesquisa - a Oficina -, precisamos entender conceitos primordiais para o prosseguimento da nossa discussão: *Capacitismo* e *Racismo*.

Capacitismo é o termo usado para designar o preconceito e a discriminação de pessoas que apresentam algum tipo de deficiência, seja ela física ou mental. Este conceito baseia-se no ideal construído socialmente de um padrão neurológico e corporal a ser seguido, fazendo com que pessoas neurodivergentes ou com algum tipo de deficiência física - e, consequentemente, fora deste padrão - sejam subalternizadas ou enxergadas como incapazes. Segundo o canal de comunicação britânico BBC (2014), o termo teve sua origem no início da década de 1980 durante os movimentos pelos direitos das Pessoas com Deficiência (PcD's) nos Estados Unidos. Assim, podemos compreender o quão recente é esta discussão, inclusive no Brasil, onde, em Julho de 2015, é instaurada a Lei Nº 13.146, a qual é “destinada a assegurar e a promover, em condições de igualdade, o exercício dos direitos e das liberdades

fundamentais por pessoa com deficiência, visando à sua inclusão social e cidadania”, como diz seu primeiro parágrafo. Victor Di Marco, ator, roteirista, diretor de Cinema e pesquisador de obras relacionadas a corpos dissidentes no âmbito das corporalidades, produz vídeos relacionados à sua vivência enquanto uma pessoa com deficiência e traz em seu livro que “ele [o capacitismo] parte da premissa da capacidade, da sujeição dos corpos deficientes em relação aos sem deficiência.”, e ainda diz que “o capacitismo se nutre da lei do mais eficiente para domar e inviabilizar esses corpos que podem ter um ritmo de eficiência diferente”.

Compreendido o que seria a discriminação de PcD's, entremos no outro conceito que permeia nossa reflexão: o *racismo*, que se coloca como “uma forma sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertencem (ALMEIDA, 2019). O crime tornou-se lei em 1989 - Lei Nº 7.716 -, sendo conhecida como Lei Caó por conta de seu autor, o jornalista, advogado e militante do movimento negro Carlos Alberto de Oliveira. A legislação oferece punição aos “crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional” (Art. 1º, Lei Nº 7.716, de 5 de Janeiro de 1989), como mencionado em uma mensagem de Veto enviada ao Presidente do Senado Federal em 1989:

A proposta de lei nasceu da convicção, demonstrada na justificação do projeto de lei, de que o Brasil é um país racista e, sendo assim, o negro, apesar de ter conquistado liberdade, ainda não conseguiu integrar-se à sociedade como cidadão, o que é percebido na dificuldade de acesso do discriminado à vida econômica e política do País. Acredita o deputado que se se tipificar a conduta de discriminação racial como crime, atribuindo-se ao transgressor desta norma “penas que possam ser sentidas no seu cumprimento”, o Brasil sairá do rol de países discriminadores.

Brasília, em 05 de janeiro de 1989

Apresentados os dois conceitos que embasam esta reflexão, trago dois exemplos para que entendamos com mais profundidade a complexidade presente na vida de uma pessoa negra com deficiência quando a colocamos de frente com uma sociedade permeada de preconceitos.

O primeiro caso é de Daniel Prude, que ocorreu em Rochester (EUA). A polícia foi acionada no dia 23 de março de 2020 pela própria família de Prude, que buscava ajuda por conta de problemas mentais do mesmo. Imagens divulgadas pela família mostram a

abordagem policial e como o homem negro, por sua vez, mostra-se obediente às ordens policiais de permanecer no chão, já estando com as mãos algemadas para trás, nu e com um capuz na cabeça:

Prude, então, começou a se debater e a implorar para que os policiais o liberassem. Um deles segurou a cabeça do homem sobre o asfalto, apertando o capuz, enquanto outro se ajoelhou sobre as costas da vítima. Essa ação durou cerca de dois minutos. Policiais chegaram a rir enquanto ele se debatia no chão. Sem ar, Prude parou de gritar. Somente quando começou a sair água da boca do detido é que os policiais demonstraram preocupação. No fim do vídeo, uma ambulância é vista, e médicos fazem procedimentos de reanimação para tentar salvar o homem. (Portal de notícias G1, 2 de setembro de 2020)

De acordo com o relato, torna-se perceptível a passividade de Prude. Mesmo não demonstrando nenhum perigo ou algo parecido, o homem morreu apenas por ser negro, PcD, e por estar em um momento de vulnerabilidade.



Imagens do vídeo mostrando Daniel Prude imobilizado no chão em Nova York, EUA.

Um outro exemplo é de Clifford Owensby, homem negro com deficiência física que foi abordado por policiais em Ohio no ano de 2021. Suspeito de ter saído de uma casa onde, supostamente, funcionaria uma boca de fumo, os policiais pararam o carro de Clifford, que estava com uma criança de 3 anos, e falaram para o homem sair do carro. O mesmo diz que não consegue pois é paraplégico, e, após discussão, o agente tenta puxar Owensby do carro,

que continua repetindo que é deficiente físico e se agarra ao volante. Outro policial aparece para puxar o motorista, que resiste e é agarrado pelos cabelos até cair no chão, enquanto pede por ajuda. Ele é algemado e arrastado até a viatura policial”, como encontramos no site da Folha de São Paulo (12 de outubro de 2021). Por fim, ele não foi acusado de crime relacionado à drogas, mas sim por transportar uma criança sem cadeirinha e pela opacidade do vidro fumê nas janelas do carro.



Clifford Owensby sendo arrastado pelo chão por policiais em Ohio, EUA

No Brasil, um exemplo de violência policial contra PcD's negros aconteceu em Sergipe, em Umbaúba. Genivaldo de Jesus Santos foi abordado em 25 de maio de 2022 por transitar de moto sem capacete pela BR-101. Ele foi agredido e levado até o porta-malas da viatura da PRF, onde foi construída uma espécie de “câmara de gás”, na qual policiais o fecharam no espaço após jogar uma bomba de gás lacrimogêneo. Genivaldo morreu antes de chegar ao hospital. Ao longo da investigação, foi exposto por jornais um caso antigo que Genivaldo estava envolvido, ocorrido em 2011 e julgado em 2016, o qual ele foi absolvido por conta de um laudo pericial anexado ao processo que reafirma que a vítima tinha uma doença mental, impedindo o homem de ter capacidade para entender o caráter ilícito dos atos que praticou:

Um laudo pericial foi anexado ao processo, para verificar "incidente de insanidade mental". O documento atestou que Genivaldo sofria de esquizofrenia e "quando praticou o fato era inteiramente incapaz de entender seu caráter ilícito e de se

determinar de acordo com esse entendimento em virtude de ser portador de doença mental". (Portal O Globo, 2022)

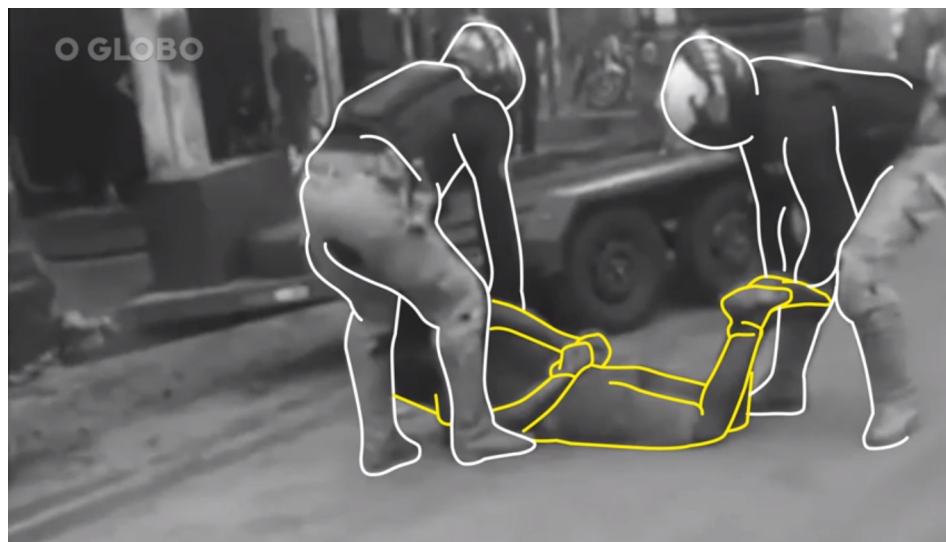


Imagem retirada de vídeo do portal O Globo, exibindo momentos antes do assassinato de Genivaldo (2022)

Segundo o sobrinho de Genivaldo, o homem ainda disse que carregava remédios no bolso por conta de um tratamento no momento da abordagem policial. Além disso, o sobrinho ainda diz que o tio atendeu a todos os pedidos dos policiais, não oferecendo resistência alguma. Mesmo assim, os policiais rodoviários foram truculentos, agredindo Genivaldo e assassinando-o.

Para evidenciar um último exemplo que expressa o capacitismo e racismo ligados, especificamente, a pessoas neurodivergentes, trago, aqui, o relato de Luciana Viegas, mulher

negra, autista, professora, idealizadora do movimento *#vidasnegrascomdeficienciaimportam* e mãe do Luiz, menino negro autista. Luciana relata como o racismo institucional atinge diretamente seu filho, posto que instituições negligenciam corpos negros, deixando de oferecerem serviços de qualidade aos mesmos e colocando-os em lugares marginalizados:

Ao levar o Luiz ao médico tive a certeza de que ele era autista. Passamos por um período de 6 meses em consultas com especialistas para conseguirmos o laudo. Entre uma consulta e outra, escutei que o meu filho era “mal estimulado” e “preguiçoso”. Com apenas 1 ano e 9 meses, tive que brigar para que a vida e a saúde de um menino negro, meu filho, fossem respeitadas. (VIEGAS, Luciana. Site Autismo e Realidade, 20 de novembro de 2020)

Além disso, a mãe e ativista ainda disserta sobre o medo de como seu filho será tratado em sociedade visto que, além da brutalidade empregada em corpos negros, existe o fato de que a abordagem policial se mostra extremamente truculenta quando voltada, especialmente, a pessoas com deficiência.

Há uma vivência que não é contada sobre as famílias periféricas: abordagem policial, uma realidade comum, mas autoritária, dentro das favelas. Um questionamento urgente surgiu em minha cabeça: ao “autistar” pelo meu bairro, meu filho não seria confundido pela polícia com um suspeito? Será que os policiais iriam ouvi-lo? Será que daria tempo de ele sinalizar que não fala? Sabemos como a polícia nos aborda e como somos tratados. A resposta é não. Ele não seria ouvido. Luiz e outros garotos negros, neurodiversos ou não, sequer têm direito de fala ou de explicação.

São diversas as notícias espalhadas pelo mundo sobre o uso desmedido da força de agentes policiais, legitimando o medo de Luciana Viegas em relação ao futuro de seu filho Luiz. Os relatos mostram o extremo despreparo, negligência e desinformação por parte de oficiais em relação ao trato com pessoas que apresentam algum tipo de deficiência, e quando a mesma é negra a situação se agrava ainda mais.

Exemplos assim evidenciam que peles não alvas se tornam os maiores alvos de ações policiais extremamente violentas, fazendo com que corpos dissidentes passem por situações completamente constrangedoras, podendo ter como fim até mesmo a morte.

Ao usar como campo de pesquisa a Oficina de Teatro Circulando, não se tem como objetivo evidenciar uma ótica tão radical como essas vistas até o momento, mas sim friccionar as noções de Capacitismo e Racismo presentes na sociedade, refletindo, assim, sobre possíveis caminhos para tratar essa doença social que perturba e prejudica trajetórias de pessoas negras neurodivergentes, punindo tais corpos apenas por existirem. Ao usar a Oficina como campo central de pesquisa, conseguimos estudar algumas experiências na tentativa de promover uma movimentação do nosso olhar em direção a essa discussão, ressaltando a importância de dar os justos nomes aos acontecimentos e trazendo a palavra “racismo” para o discurso de profissionais que optam por driblar ou esconder essa questão.

2. OFICINA DE TEATRO CIRCULANDO

A Oficina de Teatro Circulando - Ateliê de teatro para jovens com transtornos mentais nasceu a partir do projeto piloto “Ateliê de Teatro”, criado em 2010 com parceria do coletivo Teatro de Operações (egressos da Escola de Teatro da UNIRIO) e o projeto “Circulando e traçando laços e parcerias: atendimento para jovens autistas e psicóticos em direção ao laço social”⁴(IP/UFRJ), sob a coordenação da Profa. Dra. Ana Beatriz Freire, com colaboração de Fábio Malcher e supervisão de Katia Alvares, do Programa de Pós-Graduação de Teoria Psicanalítica da UFRJ. O projeto é cadastrado desde 2013 na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROExC) e conta com a coordenação de Joana Ribeiro Tavares e Adriana Bonfatti.

Nossa oficina acontecia na sala Nelly Laport (antes do período pandêmico) e no Jardim da UNIRIO, e é voltada para jovens e adultos autistas e psicóticos, sendo composta pelos seguintes grupos: os **oficineiros** - graduandos e pós-graduandos da Escola de Teatro da UNIRIO juntamente com graduandos e pós-graduandos do Instituto de Psicologia da UFRJ -, os **participantes** - jovens e adultos autistas e psicóticos - e seus **familiares**, que, para além de acompanhá-los até a Universidade, participam de um outro dispositivo oferecido pelo projeto, a Oficina com Responsáveis, que ocorre em paralelo a Oficina de Teatro.

Desta forma, nosso trabalho se dá através da individualização da prática, como aponta Tavie Gonzalez, ao dizer que “o trabalho precisa ser individualizado, partindo das questões específicas de cada participante” (GONZALEZ, 2019, p. 91). Ou seja, embora a Oficina ocorra em grupo, entendemos que cada participante apresenta uma demanda única, fazendo com que seja imprescindível escuta e sensibilidade aguçadas para realizarmos o trabalho de acordo com o que nos é oferecido em cada dia de Oficina, utilizando objetos, músicas, estímulos sensoriais, e estabelecendo, assim, o que entendemos como “**não-método**”, no sentido de que o nosso plano é justamente não planejar” (GONZALEZ, 2014, p. 14). Desta forma, abrimos mão das *certezas* e apostamos na *dúvida* como impulsionador do jogo, pois é ela que abre margem para que possamos experimentar diversas possibilidades.

⁴ Projeto fruto do Programa de Pós-Graduação em Teoria Psicanalítica do Instituto de Psicologia da UFRJ (PPTP-UFRJ), em parceria com o Instituto Municipal Philippe Pinel, através do projeto “Princípios da Psicanálise no atendimento ao adolescente no laço social”. Atualmente, é intitulado “Circulando e traçando laços e parcerias: atendimento para jovens autistas e psicóticos - do circuito pulsional ao laço social”, e conta com a coordenação do Prof. Dr. Fábio Malcher Martins de Oliveira, colaboração da Profa. Dra. Ana Beatriz Freire e supervisão de Katia Alvares de Carvalho Monteiro.

Ao longo de três anos integrando a equipe, dos quais pude estar como voluntária, como bolsista BIA (UNIRIO) e como pesquisadora de Iniciação Científica (UNIRIO), tive a oportunidade de passar por diversas fases do projeto e minhas, fazendo com que pudesse maturar minha própria trajetória na oficina e entender o que me movia enquantoicineira, arte-educadora e indivíduo. Pensando neste trabalho individual e na atenção às demandas particulares, existe um ponto que, como dito na introdução deste estudo, permeou toda minha trajetória e foi se tornando cada vez mais latente ao longo do tempo: a questão racial. Assim, comecei a perceber que eu, enquanto pessoa negra, não consigo (e não posso) ignorar os diversos atravessamentos que esse fato pode acarretar na vida de alguém, inclusive, na vida daquelas pessoas que eu estava começando a ter mais contato.

2.1. Racializando corpos autistas na Oficina

Na Oficina de Teatro Circulando há diversos participantes negros. Em virtude disso, precisamos considerar que seus corpos são impactados por outro tipo de atravessamento em relação aos participantes brancos. Além do capacitismo - que colide com esses corpos diretamente, fazendo com que neurodivergentes e pessoas com outros tipos de deficiência sejam oprimidas socialmente -, é importante avaliarmos os impactos do racismo no caso de corpos negros deficientes físicos ou, no caso deste estudo, com transtornos mentais. A partir disso, entramos no eixo central desta investigação: a necessidade da racialização dos corpos destes indivíduos na Oficina, na Academia e na Sociedade, dialogando com o capacitismo que os transpassa.

Friccionando áreas das Artes e Saúde Mental, iniciamos essa discussão que se mostra recente em nosso projeto, porém, necessária para a continuidade plena do mesmo. Afinal, pensar a saúde mental da população negra é colocar a subjetividade do Ser em pauta a todo momento. O trabalho de nos colocarmos enquanto sujeitos diferentes uns dos outros, com particularidades e singularidades se mostra como um movimento complexo, considerando o processo histórico de violência sofrido pelo povo preto, o qual acarretou no apagamento do nosso reconhecimento enquanto indivíduo único, destituindo nosso direito de existência em plenitude e nos colocando no lugar de inferioridade, em detrimento de uma supervalorização da branquitude. Frantz Fanon, psiquiatra e intelectual negro, discorre sobre este tema em seu livro *Pele negra, máscaras brancas* (2020), ao afirmar que “a inferiorização é o correlato nativo da superiorização europeia. Tenhamos coragem de dizer: é o racista que cria o inferiorizado.” (p. 107). Como Fanon demanda: tenhamos coragem para falar, pois somente

assim poderemos travar discussões que provoquem inquietações, e buscar caminhos de emancipação negra mostra-se como uma tentativa de pôr em prática o discurso do pensador.

Assim, continuo com as palavras de Fanon para começar a pensar nestes caminhos ditos anteriormente. Uma das questões da população preta que busca algum tipo de acompanhamento terapêutico é poder ser atendido por um profissional, também, negro. Isso acontece pelo fato de essas pessoas entenderem, diretamente, como é a vivência de indivíduos negros no mundo, podendo, assim, direcionar o tratamento da melhor maneira possível. Porém, vamos colocar em questão a branquitude.. Como psicólogos brancos podem - e devem - se ater às questões pretas? Como colocam em questão a sua própria existência enquanto uma pessoa branca e aprendem a direcionar as demandas dos pacientes considerando a questão racial? Como aprendemos a racializar os corpos e o pensamento? Vamos iniciar esses questionamentos com o seguinte discurso de Frantz Fanon:

Como psicanalista, devo ajudar meu cliente a *conscientizar* seu inconsciente, a não mais buscar uma lactificação alucinatória, mas a agir no sentido de uma mudança das estruturas sociais.

Em outras palavras, o negro não deve mais se ver colocado diante deste dilema: branquear-se ou desaparecer, mas deve tomar consciência de uma possibilidade de existir; dito de outra maneira, se a sociedade lhe cria dificuldades em razão da sua cor, se constato em seus sonhos a expressão de um desejo inconsciente de mudar de cor, meu objetivo não será de dissuadi-lo, aconselhando-o a “manter distância”; ao contrário, meu objetivo será, uma vez elucidados os motivos, colocá-lo em condições de *escolher* a ação (ou a passividade) diante da verdadeira fonte conflitual - isto é, diante das estruturas sociais. (Fanon, 2020. p. 114)

Fanon discorre, principalmente, sobre o trabalho de conscientização da população negra. Esta é uma forma de deixar ainda mais evidente o processo de racialização dos corpos. Ou melhor, do nosso pensamento e do nosso olhar. Vamos ser mais específicos e com coragem, como Fanon pede: precisamos debater sobre a necessidade da racialização do pensamento de profissionais brancos perante os corpos. Fanon diz sobre a importância de “conscientizar o inconsciente” de seus pacientes, mas não há possibilidade de realizar tal processo se o próprio psicanalista não busca atingir este nível de conscientização. Esses profissionais, que são de extrema importância para nos localizarmos na Sociedade, precisam entender que corpos negros apresentam demandas outras, e que o racismo que os atinge é responsável por muitas delas que aparecem na Clínica. Não podemos permitir que casos de

racismo sejam tratados como fantasia, preguiça ou mero acaso, como foi o caso de Luciana Viegas, trazida no início deste texto, a qual teve seu filho chamado de “preguiçoso” e “mal estimulado”, quando, na realidade, ele já demonstrava traços que poderiam caracterizá-lo como pertencente ao espectro autista.

No Projeto Circulando, por exemplo, tivemos o caso de uma mãe negra que andava a todo momento com a certidão de nascimento de seu filho branco. Em um determinado momento, este caso foi trazido à discussão na Supervisão⁵. Ao refletir sobre isso, entendi que esse não é um medo advindo de um lugar desconhecido e, muito menos, fruto de um trauma individual. O que faz a mãe ter essa prática é um medo iminente de ter seu filho tirado, de não conseguir buscá-lo na escola, de alguém acusá-la de não ser mãe do menino... A grande mão do racismo retira todo o direito de essa mulher poder andar na rua sem preocupações ou sem medos, fazendo com que, a todo momento, uma mãe negra precise provar que seu filho é realmente dela, e, no caso do nosso Projeto Circulando, ao discutirem o caso dessa mãe, é um dever dos profissionais brancos considerarem o impacto do racismo em sua vida. No caso de atenderem essa mãe, é de extrema importância que os profissionais estudem e estejam a par de como o racismo afeta na vivência dessas pessoas em sociedade e na saúde mental das mesmas. Pessoas brancas precisam se colocar no lugar de ação, e não de passividade, e se isentar disso é reforçar uma violência. Para contribuir com a conscientização do inconsciente do seu paciente, como Fanon traz, é necessário conscientizar a si mesmo antes, e para isso, é urgente a necessidade do estudo de profissionais pretos pela branquitude. Na Universidade, a enorme maioria da bibliografia é organizada com autores brancos, tornando uma obrigatoriedade ser estudado esse grupo. Desta forma, faço aqui uma indagação: por qual motivo não colocamos como obrigatoriedade, também, autores negros? Como consequência, teríamos a valorização de estudiosos como Abdias do Nascimento, Lélia Gonzalez, Milton Santos, bell hooks, Frantz Fanon, entre outros; profissionais tão importantes quanto tantos outros brancos que estudamos desde que a Academia foi criada no Ocidente. É nosso dever estar sempre em processo de estudo, e no dia em que algum profissional - por mais experiente que seja - pensar que detém todo saber, a pretensão se instala e o cultivo do aprendizado morre. O processo de racialização também vem através deste movimento, e, acrescento: lembremos que brancos criaram o Racismo. Portanto, cabe a este grupo reconhecer-se no lugar daquele que é passível de produzir de violência e se colocar no lugar de ação.

⁵ Reunião periódica que ocorre no Instituto de Psicologia no campus do Instituto de Psicologia da UFRJ com coordenadores, supervisores e participantes de diversos dispositivos do projeto Circulando da UFRJ. O encontro acontece com o intuito de discutir e refletir sobre casos de participantes das oficinas.

Outra medida que faz parte do processo de racialização no Projeto Circulando é a valorização de práticas e vivências pretas. Essa é uma tentativa de tirar nosso povo do lugar de *objeto* - que, como mostra Kilomba em seu livro, bell hooks traz como aquele que tem a “realidade definida por outros” (KILOMBA, 2019, p. 28) - e trazê-lo ao lugar de *sujeito* - aqueles que “têm o direito de definir suas próprias realidades, estabelecer suas próprias identidades, de nomear suas histórias” (hooks apud KILOMBA, 2019, p. 28). Esse se mostra como um processo de emancipação, investigando formas de trazê-los protagonismo, estimulando ações que sejam prazerosas e, também, que somem na formação da identidade destas pessoas, como por exemplo, a dança, a valorização de ritmos marginalizados e da própria estética, historicamente posta em um lugar de subalternização.

2.2. Participantes negros na Oficina - trilhando caminhos

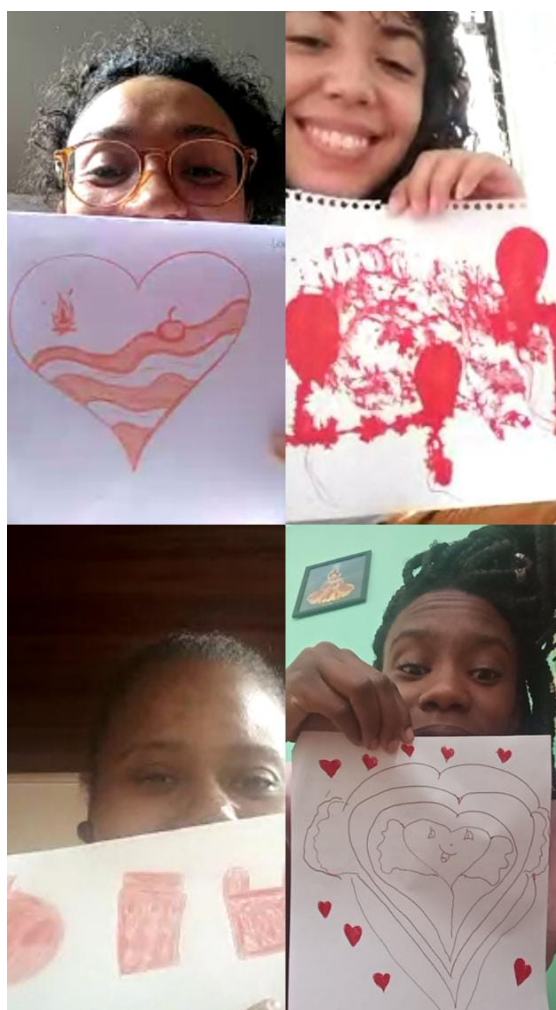
A fim de exemplificar e evidenciar esse processo no nosso projeto, trago aqui dois casos de participantes negras do Circulando que possibilitam este trabalho de racialização.

2.2.1. CASO L.

L. é uma participante negra de 26 anos que gosta de fazer trabalhos que envolvam dança e o corpo. Desde 2019, viemos trazendo para L. diversos ritmos, a fim de criar coreografias e colocá-la em foco, plantando na jovem o senso de protagonismo tão retirado do nosso povo e fortalecendo o ideal de *sujeito*, e não de *objeto*. Durante o período remoto (2020 - abril de 2022) e com o aprofundamento da minha pesquisa com enfoque em questões, tive a sorte de trabalhar com pessoas que tinham a negritude como foco de estudo, fazendo com que o trabalho racializado com L. fosse potencializado. Assim, trouxemos ritmos pertencentes à cultura preta, como o *passinho* - estilo de dança tradicional do funk, advindo das favelas cariocas - com o objetivo de não só apresentar novas coisas à jovem, mas, também, deixá-la mais próxima daquilo que faz parte do nosso povo e da nossa história, trazendo à Academia algo, historicamente, marginalizado - assim como tudo que foge da cultura hegemônica. Fizemos quatro oficinas, uma a cada semana, e em cada uma trouxemos um passinho diferente. L. ficava mais animada a cada oficina, sempre perguntando quando iríamos aprender mais.



Fonte: “PrintScreen” de vídeo “Quem Somos - Oficina de Teatro Circulando”. Oficina realizada na sala Nelly Laport, no CLA - UNIRIO (2019).



Fonte: Acervo Circulando (2022)

Outra possibilidade que encontramos em tempos pandêmicos, foi a confecção de nossos próprios instrumentos. A fim de não ser uma escolha aleatória, trouxemos o chocalho que, assim como o xequerê e o caxixi, é um instrumento ancestral, pertencente aos povos originários e aos escravizados vindos de África. Contamos isso para L. e perguntamos se ela queria fazer um chocalho - ela não hesitou em responder que “sim”. Mesmo que de forma sutil, poder confeccionar algo tão característico da cultura preta e de povos originários se mostra como um movimento potente, visto que foi uma das primeiras aproximações conscientes que L. pôde ter com sua ancestralidade.



Fonte: Lorena Lima (2021)

Essas ações se mostram como tentativas de proporcionar uma aproximação maior com algo que foi negado à população negra desde que o primeiro escravizado foi sequestrado e trazido ao Brasil: o encontro com nossa ancestralidade. Ter a oportunidade de produzir instrumentos que nossos ancestrais utilizavam em África ou mesmo aqui no Brasil é ter a

chance de nos aprofundar, mesmo que inconscientemente, em algo que faz parte da nossa história enquanto pessoas negras em diáspora - assim como trabalhar com o passinho se mostra como uma forma de resistência, visto que o funk foi (e ainda é) algo marginalizado por ser tradicionalmente feito por negros periféricos.

Ainda como um meio de trazê-la o senso de *sujeito* é buscar mecanismos de L. poder falar por si mesma, o que entendo como o processo de deixar de falar *sobre* um determinado grupo, mas buscar espaços para que eles mesmos possam falar por si. Durante a produção do *V Encontro Circulando com o Autismo - Mostra Circulando em Rede* (dezembro de 2021), tivemos a oportunidade de perguntar a alguns responsáveis e participantes se gostariam de estar no nosso Encontro, realizado através do Canal Cultura UNIRIO/PROExC, e L. topou de pronto. No dia da *live*, muitos problemas técnicos ocorreram, fazendo com que ela não conseguisse estar presente da forma como planejamos. Mas o desejo de L. de ser ouvida e o meu desejo de proporcionar isso se uniram e desvendamos uma forma de a jovem estar participando conosco: através de chamada de vídeo via *Whatsapp*. Para mim em especial, foi muito emocionante vê-la naquele espaço, apropriando-se daquele espaço e de algo é seu: o direito de ser escutada.



Dia 2 do V Encontro Circulando com Autismo - Mostra Circulando em Rede, com presença da participante.

Além disso, uma forma encontrada de exercer um trabalho racializado é apostar em práticas que exaltam a figura preta, como por exemplo, trabalhos com nosso *cabelo*.

Durante todo o processo de encontros remotos, L. e eu criamos um forte laço, fazendo com que, apesar de distantes geograficamente, pudéssemos ter trocas extremamente reais. Nossa conexão se pôs como algo tão forte que houve uma exceção dos limites de uma relação saudável entre Participante e Oficineira. A título de exemplificação, um dia, L. me ligou às 6:30h da manhã para perguntar se teríamos oficina na semana seguinte. Em outros dias, me ligou diversas vezes seguidas para tirar alguma dúvida. É perceptível um certo tipo de espelhamento na minha imagem, que começa com algo que é evidente - o mesmo nome - e vai até a criação de um duplo, como quem quer pegar carona no meu corpo.

Faz parte do nosso trabalho - que, de alguma forma, também mostra-se terapêutico - uma prática que envolva a tentativa de redução dessa ansiedade e de uma relação, até mesmo, invasiva. Assim, em conversas com Joana Tavares, coordenadora do projeto e minha orientadora da bolsa de Iniciação Científica, conversamos sobre a proposta de tensionar essa relação, criando momentos de forte aproximação para, depois, trabalhar uma espécie de “desgarramento”. Foi neste momento que Joana trouxe a imagem da performance *Xifópagas Capilares*, do artista pernambucano Tunga⁶.



⁶ Tunga foi um artista performático, desenhista e escultor brasileiro, sendo o primeiro artista contemporâneo brasileiro a ter uma obra exposta no Museu do Louvre, em Paris. A performance *Xifópagas Capilares Entre Nós*, de 1987, segundo o site oficial do artista, trata de duas irmãs gêmeas unidas pelos cabelos, que passeiam entre visitantes e outros trabalhos do artista em uma determinada exposição. A ideia que Tunga traz é a de questionar o sentido de *subjetividade*.



Fonte: Tunga - Site Oficial.

Este se mostrou como um dos maiores exemplos de aproximação intensa que poderíamos encontrar, fazendo com que despertasse o meu interesse para o trabalho com L. E assim se fez: em um determinado dia de oficina, L. me mostrou como o seu cabelo estava grande. Achei que seria uma brecha e falei:

- “Nossa! Como seu cabelo está bonito, minha xará!”

Neste momento, aproveitei para soltar os meus também, assim como ela, e mostrar como nossos cabelos eram bonitos, como tinha beleza no volume, como era gostoso tocar e sentir os cachos. Ela foi se aproximando, comecei um jogo sobre uma cirurgia onde iríamos nos unir e comecei a trançar os nossos cabelos, com cuidado. Ao terminar, pedi para que ela olhasse no grande espelho que tinha ao nosso lado e ela ficou maravilhada. Continuei com alguns movimentos espelhados, como ficarmos com as costas apoiadas uma na outra. Depois, um outro participante chegou e falou:

- Gêmeas Xifópagas!

Respondi “sim!” e ele disse que faria uma cirurgia para separar nossos cabelos. E assim o fez. Depois, com os cabelos soltos, fizemos uma brincadeira de sobrepor os nossos fios.



Fonte: Sarah Sanfins Corval (2022)

2.2.2. CASO F.

F. é uma adolescente negra de 16 anos, autista. F. sempre demonstrou estar muito ligada à estética, investindo em esmalte para unhas, em tranças lindas nos cabelos e maquiagem. Na nossa oficina, fazemos questão de sempre exaltar essas questões em F., entendendo que a valorização da estética da população preta se mostra como um ato político à medida que, historicamente, há uma subalternização da cultura negra em detrimento à cultura branca, fazendo com que tudo ligado à negritude seja visto como feio ou menor. A pesquisadora, ativista e professora norte-americana bell hooks traz, na introdução do livro *Olhares negros: raça e representação*, o início da discussão que irá continuar durante toda a sua obra:

Existe uma conexão direta e persistente entre a manutenção do patriarcado supremacista branco nessa sociedade e a naturalização de imagens específicas na mídia de massa, representações de raça e negritude que apoiam e mantêm a opressão, a exploração e a dominação de todas as pessoas negras em diversos aspectos. Muito antes da supremacia branca chegar ao litoral do que hoje chamamos de Estados Unidos, eles construíram imagens da negritude e de pessoas negras que

sustentam e reforçam as próprias noções de superioridade racial, seu imperialismo político, seu desejo de dominar e escravizar. (2019, p. 33)

Nesta passagem, hooks afirma que a dominação das imagens midiáticas são formas extremamente bem sucedidas - infelizmente - de promover a manutenção de um sistema racista, que aprisiona corpos negros numa posição de ridicularização e subalternização em relação à branquitude. De fato, durante a história da televisão, por exemplo, sempre foi comum encontrarmos representações de famílias brancas nos papéis principais, moradoras da Zona Sul carioca e pertencentes à classe média alta, enquanto pessoas negras eram retratadas como subalternas. Mas em 2011, o ator baiano Lázaro Ramos ganhou papel de destaque, interpretando um galã que sempre atraía diversas mulheres. Vindo de um modelo de comportamento das novelas onde a referência de sucesso eram pessoas brancas, o papel de Lázaro foi um dos mais rejeitados da televisão brasileira, sendo alegado que ele não seria um galã para conquistar tantas mulheres, segundo algumas revistas e sites de entretenimento.

Personagem de Lázaro Ramos em "Insensato Coração" é rejeitado pelo público



Fonte: Portal O Planeta TV (2011)

Lázaro Ramos vive o galã mais rejeitado de novelas das nove

Fonte: Site Terra (2011)

"Insensato Coração": André não está convencendo como galã

Fonte: O Tempo (2011)

Galã interpretado por Lázaro Ramos sofre rejeição do público

Fonte: Mundo Novelas (2011)

Com este exemplo, conseguimos entender quando bell hooks fala sobre existir uma naturalização de imagens que mantém a opressão, visto que à medida que pessoas negras são retratadas como inferiores em quaisquer tipo de mídia - jornal, televisão, outdoor -, torna-se uma tendência moldar a mente da Sociedade, fazendo com que a negritude realmente acredite que os postos que ela pode ocupar são apenas os de subalternos, enquanto a branquitude se mantém em seu lugar intocável na hierarquia social. Assim, inicia-se um movimento de embranquecimento da população, onde pessoas negras desejam se aproximar cada vez mais do modelo de sucesso - o branco. Há alguns anos, uma onda de empoderamento veio com força, fazendo com que ocorresse movimentos de aceitação entre a população negra, movimentos estes que foram desde a valorização dos nossos cabelos até a valorização da nossa cultura, no geral, e é daí que vem o processo de nós, arte-educadores com o pensamento racializado, trabalharmos para que esse movimento também se propague entre nossos discentes.

Tendo isso em vista, vejo como um dever meu participar do processo de exaltação da beleza dos participantes negros da nossa Oficina e, em especial, de F., participante em questão.

Além do interesse pela estética, F. se mostra muito interessada na leitura, e isso vem de sua mãe, que também é escritora e sempre alimentou muito a presença das letras na sua vida. Desta forma, estou tentando captar recursos para comprar ou conseguir doações de livros que apresentem um viés racial e que valorizem a figura negra.

Todas essas ações e reflexões se mostram como tentativas ainda iniciais de avançar no processo de *tornar-se sujeito*. Essa busca por uma emancipação de corpos e de pensamento é

direcionada não só para os participantes, que estão no foco do estudo, mas, também, para nós, oficineiros. Afinal, não faz sentido um trabalho que seja apenas pautado no outro sem transpassar por nós de alguma forma. A racialização precisa estar presente no nosso cotidiano enquanto profissionais para, assim, atravessarmos o participante com nossa prática.

3. IV ENCONTRO CIRCULANDO COM O AUTISMO

Em novembro de 2020, realizamos via YouTube o *IV Encontro Circulando com Autismo*, que teve como fio condutor um percurso histórico entre as práticas realizadas pelo projeto no passado (*10 anos da Oficina de Teatro Circulando: um encontro entre o ontem e o hoje*), no presente (*Encontro entre projetos: O olhar da família sobre a arte e o autismo*), e algumas noções a serem discutidas no futuro (*Recorte de raça e classe na interface com a saúde mental*) da Oficina de Teatro Circulando, tudo isso ocorrendo em três mesas diferentes, cada uma simbolizando um período, respectivamente. Devido à necessidade de ocorrer virtualmente, o Encontro conseguiu reunir fundadores do projeto, egressos da UNIRIO e profissionais de diversos estados do Brasil.

Este evento - em especial, a terceira e última mesa - se mostrou de extrema importância para o fortalecimento deste tema que trago hoje, visto que esta foi a primeira vez que pudemos abrir ao público uma discussão inicial sobre esta reflexão que vinha nascendo dentro do nosso projeto. A mesa, intitulada *Recorte de raça e classe na interface com a saúde mental*, foi composta por mim, peloicineiro (UNIRIO) João Pedro Zabeti, pelaicineira (UFRJ) Mikaela Assunção, pela psicóloga Taís Valle e pela artista da presença Tatiana Henrique, e ocorreu no dia 11 de novembro de 2020.

Discorrer sobre Saúde Mental da população preta pensando em um viés histórico é escavar um território enlameado, repleto de amarguras, visto que, desde o sequestro dos povos africanos, o ideal mercadológico posto nestes corpos durante o processo de escravização acarretou na negação de humanidade desse povo. Como consequência, essas pessoas foram arrebatadas por uma tristeza cortante, que podemos chamar de depressão ou *banzo*, que no dialeto Quimbundo (*mbonzo*), significa saudade, paixão, mágoa (Portal Geledés, 2018). O sentimento que, particularmente, me atravessa a partir da ideia do balanço monocórdio e doloroso do mar durante a vinda dos meus ancestrais escravizados nos navios negreiros, foi responsável por consequências igualmente dolorosas:

Ah, a profundidade, a queda, a vertigem. Parenta do suicídio tão recorrente, o do mergulho machucado pelo grave banzo, tantas vezes cometido pelo afogamento propositado de si por quem, desistido da vida escravizada, em seu procedimento derradeiro buscou a Água e chamou a linha horizontal da Kalunga, essa encruzilhada fluida entre mundos, espaços e vibrações, esse possível ninho da ancestralidade, da morte e da energia vital em curso. Salto firmado pela seara de crença e de sapiência banta que instrui que tudo está em movimento, considerando

que nem a lama do fundo das águas estaria inerte e que lá, em momento adequado, também os mortos ou vindouros dançariam, e o encontro seria mais auspicioso do que a depressiva e hedionda condição da vida sob o jugo da escravidão.

(ROSA, Allan. Águas de Homens Pretos - Imaginário, Cisma e Cotidiano Ancestral, p. 93, 2021)

Morrer de tristeza é algo presente na vida do nosso povo há séculos, e nos acompanha até hoje. Atualmente, o grupo que mais sofre com o suicídio são jovens, em especial, jovens negros⁷, e algo que potencializa isso é o fato de que “muitas vezes as queixas raciais podem ser subestimadas ou individualizadas, tratadas como algo pontual, de pouca importância e ainda culpabilizando aquele que sofre o preconceito” (Ministério da Saúde, Universidade de Brasília, p. 16, 2018).

Segundo Thaís Valle, psicóloga atuante na Clínica e presente em nossa mesa, o aumento da procura de terapeutas por pessoas negras aumentou consideravelmente durante a pandemia. Apesar disso evidenciar a gravidade da situação, ao mostrar que continuamos, cada vez mais, sofrendo com este mal, também encontra-se um fator positivo. Como efeito da escravização, foi implantada na mente da sociedade a falácia de que pessoas negras seriam mais resistentes. Logo, teríamos como ter força o suficiente para suportar todos os pesos que encontrássemos no caminho. Isso nos coloca em frente à uma enorme armadilha, tirando toda nossa possibilidade de tentar buscar ajuda quando precisamos e acreditando que não precisamos de suporte. Lembro-me de uma entrevista onde o artista Seu Jorge discorreu sobre a decisão de começar a fazer terapia aos 50 anos de idade e que achava que “terapia de negão é candomblé” (Portal Extra, 2021). O movimento de negar estereótipos de *resistentes a todo custo* é uma forma de nos mantermos vivos diante de um sistema que nos adoece.

Ainda segundo Thais, a psicologia africana considera outros pontos que não são abordados pela clínica branca e europeia, tais como alimentação, espiritualidade e ancestralidade - pontos que, por conta de um ideal branco de cientificidade, foram retirados do nosso acesso, provocando uma outra espécie de genocídio, não direcionado ao corpo físico especificamente, mas tão cruel quanto pois atravessa a cultura e o saber de um povo: o epistemicídio. À medida que corpos pretos são olhados por perspectivas embranquecidas, percebemos as diversas formas que o racismo encontra de agir, atingindo desde a fisicalidade até a essencialidade de um grupo social, como a teórica Aza Njeri explicita: “A metáfora do genocídio, à qual sempre recorro, entende-o como um monstro com diversos tentáculos. Esse

⁷ Análise do Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social (DAGEP/ Ministério da Saúde) utilizando dados do Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM/DATASUS/MS).

monstro mira o corpo negro a fim de matá-lo física, psicológica, epistemológica e espiritualmente. (NJERI, 2019, p. 07)”.

A partir de um processo de emancipação que viemos galgando durante muitos anos, percebemos a importância de retornar com o que nos foi retirado, traçando, assim, mais formas de cuidado entre os nossos. Uma dessas formas, é a luta pela valorização de mais psicólogos negros trabalhando com pessoas, igualmente, negras. Ao longo deste estudo, foi falado sobre a importância de profissionais brancos passarem pelo processo de racialização. Porém, a presença de psicólogos negros garante algo primordial para um atendimento ainda mais humanizado: o entendimento das questões que permeiam o universo de uma pessoa negra, fazendo com que seja oferecida uma Clínica ainda mais acolhedora.

Além disso, durante a mesa, veio à discussão o lugar da pessoa autista e de sua família dentro de uma sociedade que zela pela normatização dos corpos, pautada no mito da “capacidade” e na extinção de indivíduos singulares e com particularidades. Sendo assim, o autista é algo que foge da norma e do esperado, e quando acontece algo “inesperado” aos olhos da Sociedade, lê-se a mãe negra como culpada pela dita “falta de educação”:

Quantas vezes a questão racial se dava pelo seguinte lugar: o lugar da educação. Então qualquer acontecimento que alterasse o comportamento dele era visto, lido e julgado por quem está ao redor como falta de educação não dada por uma mãe preta. Me vem um momento muito específico de uma vez quando a gente estava em um restaurante e ele teve uma crise de riso. Gente, imagina: uma criança pequena tendo uma crise de riso. E ficou rindo, rindo, rindo... Era domingo à tarde, aquele horário do futebolzinho no restaurante. Eu vivo na Tijuca, gente, um bairro extremamente racista, elitista e onde se acham os barões da sociedade carioca. Um terror, mas enfim... A gente estava lá, tinha acabado de comer, já estava indo pro final, e aquilo começou a incomodar o homem e ele começou a entrar em querela. O turbante coça, eu parto para cima porque não vai mexer com o meu filho, não. (...) A sociedade é tão doida e tão excludente, que olha o que acontece. Ele me disse isso: “Ó, tá vendo? É por isso que ele faz isso. É por isso que ele não se comporta. A mãe dele não sabe falar!”. Tudo isso para dizer que eu acho que tem uma questão de como a sociedade enxerga as pessoas autistas segundo sua etariedade. (...), e isso se cruza com a questão racial mais ainda, porque quanto mais brancas as crianças, mais cuidados elas recebem.”

(Tatiana Henrique, Mesa “Recorte de raça e classe na interface com a saúde mental”, 2020)

A partir daí, percebemos o quão recorrente é o fato de que o neurodivergente negro e todos que o cercam absorvem um outro olhar social perante a cor de pele que eles carregam. Lembremos de Luciana Viegas (citada anteriormente neste estudo), autista e mãe de um menino também autista que teve que escutar que seu filho seria “preguiçoso” e “mal estimulado” quando, na verdade, ele só precisava de um diagnóstico responsável. Assim como Luciana, Tatiana precisa brigar recorrentemente pelo respeito à dignidade de seu filho.

Durante o encontro, também falamos sobre cura e possíveis caminhos de emancipação. Afinal, nós não somos só sofrimento. Pelo contrário, nossa história é feita de reis e rainhas, guerreiros e guerreiras, ancestrais que abriram caminhos para que pudéssemos estar aqui, atualmente, travando discussões sobre o assunto. Ao finalizarmos, uma pessoa que estava acompanhando a mesa perguntou sobre a importância das filosofias africanas no nosso trabalho. Neste momento, lembrei-me, do adinkra⁸ Sankofa, que significa “Voltar para buscá-la” (CARMO, Eliane Fátima Boa Morte do, 2016). Ao longo de minha vivência, me confrontei com esta ideia e lembrei de minha avó, dona Valdice, que sempre foi contadora de histórias, rezadeira e me ensinou que a planta que é o verdadeiro remédio para curar qualquer machucado é o mastruz. Não deu outra: toda vez que eu machucava meu corpo de alguma forma, corria para procurar a planta. Esse é um exemplo simples mas que me fez perceber que a ideia de Sankofa sempre esteve comigo e com os meus, mesmo que de forma inconsciente. É primordial olharmos para o passado para conseguir agir no presente e caminhar para o futuro, e vejo isso como um grande sinal de respeito aos meus e minhas antepassados(as). Afinal, acredito que nada é genuinamente novo ao ponto de um ancestral já não ter pensado e lutado para conquistar. Desta forma, trouxe esta ideia para responder a pergunta do espectador da live: para mim, Sankofa é uma filosofia de vida e, por isso, resvala diretamente no meu trabalho. Olhar para o passado é uma forma de lembrar que não estou sozinha.

Ainda com o objetivo de responder a pergunta do espectador da live, Tatiana Henrique, contadora de histórias com prática muito apoiada em filosofias africanas, presenteou todos que estavam presentes com o conto de um itã. Tendo em mente que a filosofia africana é bastante calcada na oralidade, entendemos a grandiosidade da

⁸ Adinkras são um conjunto de símbolos pertencente ao povo Ashanti, atualmente localizados principalmente nos países Gana, Burkina Faso e Togo, na África Ocidental, mas também estão presentes em outros lugares do globo, principalmente em consequência dos processos das diásporas africanas. Além disso, os Ashanti fazem parte de um conjunto de povos denominados de Akan. Adinkras são, também, um conhecimento e uma tecnologia ancestral africana, que trabalha no campo da linguagem. Nesse sentido, são ideogramas que expressam valores tradicionais, ideias filosóficas, códigos de conduta e normas sociais. Podem ser divididos em algumas categorias, como animais, seres humanos, objetos artesanais, corpos celestiais, plantas e ideias abstratas. (Espaço do Conhecimento UFMG, 2022. Disponível em: <https://www.ufmg.br/espacodoconhecimento/tecnologia-ancestral-africana-simbolos-adinkra>)

permanência da tradição oral como uma forma de valorização e legitimação dos saberes populares, difundidos “boca a boca”. A palavra tem uma grande importância na tradição africana, e, enquanto diáspora, herdamos tal consciência. Por isso, transcrevi o itã como uma forma de dividir o presente que Tatiane nos deu:

“A humanidade ficou doente, de um modo que tudo parou, porque a humanidade e os orixás estavam ali juntos naquela época, então eles cuidavam juntos. Mas nessa época, os orixás já tinham ido pro Orum e tinham deixado tudo na mão da humanidade. Mas a humanidade ficou doente, e tudo começou a fenecer, tudo começou a morrer - as plantações, os animais sem comida, a terra, os rios, os mares, as mulheres pararam de gestar, as crianças começaram a ficar descuidadas, os homens, os velhos, as velhas, tudo começou a ficar descuidado, a pintura do prédio... Tudo estava correndo risco de não existir, e não existe nada mais grave do que não existir. Os orixás ficaram preocupados lá de cima, tentando entender o que estava acontecendo e o que fazer. Orunmilá então disse pra Exu:

- Exu, você é o único que pode atravessar todos os tempos, que conhece todas as línguas. Vá até o Ayê e faça o que você já sabe que tem que fazer.

Exu veio e foi até a minha ancestral e perguntou pra ela:

- O que está acontecendo? Por que você deixou de fazer as suas coisas? Por que você nunca mais dançou? Por que nunca mais cantou? Por que deixou de visitar?

E a minha ancestral olhou pra exu e começou a dizer. A falar, falar, falar...

Exu então abriu as suas bocas e engoliu todas as histórias, tudo o que os meus ancestrais disseram. Depois, foram pros ancestrais lá da Ulli, fez a mesma pergunta, eles disseram, e Exu engoliu. Depois o de Lorena e engoliu, e depois o de Mikaela, e o de Thais, o de João... E foi engolindo, percorrendo toda a Terra, todo o Ayê. Voltou repleto pro Orum. Quando chegou lá, a primeira coisa que ele fez foi ir até Orunmilá, e ele abriu de novo todas as suas bocas, mas dessa vez, pra derramar todas as histórias que ele tinha engolido. Com todas as histórias ali no tabuleiro de Orunmilá, os dois começaram a entender as histórias, e a separar: “Olha essa história parece com essa, e essa com essa...”. Eles entenderam como ajudar a humanidade e o que precisava para cada caso. E quando Exu estava na porta do Orum para descer, os orixás estavam ali do lado dele. Eles olharam para o Ayê e viram que a humanidade já tinha encontrado o caminho, já tinha entendido como voltar e o que fazer. Isso tudo aconteceu no tempo mítico, então a vida já tinha florescido novamente. E disse então, a partir daí, que para a gente não adoecer, para a gente continuar existindo, se conhecendo e reconhecendo, é preciso ouvir e contar histórias.”



“Printscreen” do vídeo “IV Encontro Circulando com o Autismo - Mesa 3”. Momento onde a artista Tatiana Henrique compartilha o itã conosco.



“Printscreen” do vídeo “IV Encontro Circulando com o Autismo - Mesa 3”. Nossa mediadora Ulli Castro e participantes da mesa: Lorena Lima, Mikaela Assunção, Tatiana Henrique, Thais Valle e João Pedro Zabeti.

4. JOGOS DOS INSTANTES

Neste capítulo, não irei tratar, diretamente, da Oficina Circulando a partir do viés racial. Durante o meu período de atuação no projeto, reuni alguns jogos que se deram com os participantes, jogos estes que foram criados a partir da interação entre participante e oficinairo, uma relação de troca e confiança.

Mas, afinal: O que pode ser considerado "jogo"? Jogo é palavra? A partir de que momento percebemos que ele está sendo estabelecido? O jogo precisa de direcionamentos, mas eles são dados apenas pelo uso da fala?

No curso de Licenciatura em Teatro, temos grandes referências como Viola Spolin (1906-1994), Jean-Pierre Ryngaert (1945), Peter Slade (1912-2004), entre outros. Esses profissionais se consolidaram, dentre outros fatores, pela forma como desenvolveram o ensino do teatro com crianças, jovens e adultos, fazendo com que conseguíssemos estudar a fundo uma importante ferramenta: o jogo teatral (em suas variadas formas). Em sua maioria, os jogos estudados se dão pela forte utilização da fala enquanto método primeiro de condução e da combinação de regras para a sua execução. Logo, buscar formas de adaptá-los nesses dois sentidos (fala e regra) torna-se um desafio.

Ao entrarmos em contato com os participantes, entendemos que o jogo não pode ser delimitado única e exclusivamente pelo uso da palavra, visto que outros dispositivos mostram-se necessários para alcançarmos cada um e uma. Dessa forma, buscamos nos utilizar da linguagem não verbal como prática principal de condução e fazer com que tenhamos no nosso trabalho o movimento como estratégia de direcionamento.

4.1. Um caderno de anti-jogos

Este é um caderno de anti-jogos.

Não se espera que você, leitor, siga, passo a passo, cada jogo aqui proposto. Na verdade, esta é a exposição de uma experiência calcada na arte do *instante*, da escuta e da sensibilidade, tal qual a Oficina de Teatro Circulando, fundada em 2010 e institucionalizada em 2013, com coordenação de Joana Ribeiro Tavares e Adriana Bonfatti.

Nossa oficina traz o jogo entre participantes - jovens e adultos autistas e psicóticos - e oficinairos - estudantes de Teatro (UniRio) e Psicologia (UFRJ) -, trabalhando sempre a partir

da demanda diária e específica de cada participante. É exatamente por este motivo pelo qual comecei este texto dizendo que não há pretensão em apresentar um modelo de jogos. Afinal, como criar regras em um trabalho onde a prática é baseada, justamente, no *caos*? Como criar moldes e formas visto que nossa prática é, também, o "não-método" (GONZALEZ, 2014. p. 14)?

Este é um caderno de anti-jogos.

Com ele, espero que professores, arte-educadores e facilitadores sintam-se inspirados a acreditarem na beleza do inesperado, na riqueza do instante e no jogo teatral enquanto ferramenta agregadora capaz de proporcionar trocas efêmeras mas não menos espontâneas e reais. Trabalhar com neurodivergentes é acreditar, fielmente, nisso; no labor artístico repleto de escuta, confiança e efemeridade.

E é por este motivo que este é um caderno de Jogos dos Instantes.

1. JOGO DO CONTRAPESO

Este jogo pode ser utilizado em momentos de onde o participante esteja mais agitado. O objetivo é transformar essa agitação - que muitas vezes vem em forma de agressividade e força - em um jogo. Neste caso, utilizamo-nos do fato de o participante querer empurrar o oficineiro. Com isso, o mesmo pode levar suas mãos ao encontro das mãos do participante, posicionar palma com palma e “empurrar” o mesmo, estabelecendo uma espécie de contrapeso. Várias imagens podem ser formadas.

2. DENTRO DO BAMBOLÊ

Contamos o número de jogadores (X). Em seguida, pegamos o número $X + 1$ de bambolês e os colocamos dispostos no chão. O objetivo do jogo é não termos nenhum bambolê vazio, sem, pelo menos, um pé de algum jogador no interior do bambolê.



Fonte: Lorena Lima (2022)

3. RISADA

Neste jogo, não há um número específico de jogadores e, muito menos, uma disposição correta pelo espaço. O grande objetivo é garantir que a risada não se perca no espaço. A partir do momento que um jogador traz A Risada, todos os outros, como infectados, passam a rir também, até que a risada cesse de forma natural no espaço.

4. DENTRO DO BAMBOLÊ 2.0

Um jogador segura um lado do bambolê e “laça” o outro jogador, colocando-o dentro do bambolê. As duas pessoas alternam entre momentos onde cada uma comanda para onde a dupla vai. Ou seja, em um momento, a pessoa de dentro puxa o outro e, depois, ocorre o contrário. Pode haver variações dessas formas de usar o bambolê, como por exemplo: cada participante segura em uma extremidade do círculo e o puxa, como em um cabo de guerra.



Fonte: Cecília Vaz (2019)

5. MINHOCA

Jogadores dão as mãos em uma roda. Em algum momento, um deles solta a mão de um parceiro e traça o objetivo de caminhar por algum dos espaços entre os braços dos outros jogadores, formando uma espécie de costura. Ao longo do jogo, a atenção se torna cada vez mais necessária, visto que percebe-se que não é necessário esperar todos finalizarem uma caminhada para propor outra. Várias teias vão se formando, deixando o jogo mais intenso. O grande objetivo é passar por debaixo dos braços dos jogadores sem soltar as mãos.

Obs.: Uma música animada é muito bem vinda.



Fonte: Sarah Sanfins Corval (2022)

6. CAMINHANDO NAS BORDAS

Dois jogadores ficam dispostos em cada extremidade do espaço. Começam a caminhar em círculos, sempre um em frente ao outro. Podemos alternar os tempos - se corremos ou andamos devagar -, podemos investir na teatralidade - ao pegar um objeto como um telefone sem fio, podemos encenar uma ligação -, podemos jogar com o diâmetro desse círculo... São muitas as possibilidades.

7. JANELINHAS

Este é um jogo de pergunta e resposta, que ocorre por intermédio de um aparelho grande localizado no Jardim da UNIRIO. Este “aparelho” caracteriza-se por uma espécie de parede com várias “janelinhas” de madeira coloridas. Essas “janelinhas” possibilitam a confecção de desenhos e de palavras nessa parede. O jogo começa quando os oficineiros mexem nas janelinhas. Como em um diálogo, o participante responde essa ação mexendo outras janelinhas e formando desenhos diferentes. O objetivo do jogo é, através de uma conversa, criar palavras, desenhos ou até coisas que não apresentam uma forma específica.



Fonte: Acervo Circulando (2019)

8. FORMIGUINHAS PELO CORPO

Este aparece como um jogo de relaxamento. Um jogador deita no chão de barriga para baixo, enquanto os outros se colocam ao seu redor, oferecendo estímulos sensoriais, como pontinhas dos dedos passando pelas costas, como se fossem formiguinhas. É bem vindo, também, o uso de objetos, como tecidos, penas, etc. Tudo que trabalhe a criatividade pode ser agregado ao trabalho.



Fonte: Sarah Sanfins Corval (2022)

9. GÊMEAS XIFÓPAGAS

Este é um jogo de identificação. Dois jogadores soltam os seus cabelos. De forma imaginária, os jogadores trançam os fios, unindo as cabeças. O objetivo do jogo é fazer posições de

espelhamento de forma devagar e sem “desgrudar” as duas cabeças. A graça é ousar nas tentativas, buscando posições de equilíbrio, posições que trabalham o peso e contra-peso dos corpos, tendo em mente, sempre, a ideia do *espelho*. Aos poucos, os jogadores retiram a trança imaginária dos cabelos.



Fonte: Sarah Sanfins Corval (2022)

CONCLUSÃO

Neste estudo, traçamos uma linha de pensamento, onde os assuntos se deram de forma gradual. Começar com o poema não é algo por acaso - foi a forma que encontrei de trazer a você, leitor, uma introdução lúdica de algumas das coisas que iríamos tratar ao longo do texto e, também, de fazer com que você conhecesse essa que vos escreve um pouco mais. Além disso, foi uma forma de ser generosa e carinhosa comigo mesma, visto que a poesia se mostra como uma forma de acalantar meu coração, mesmo tratando de assuntos tão duros para mim e para os meus. Após isso, entendemos, separadamente, os conceitos de Racismo e Capacitismo para, assim, propor uma fricção destes conceitos com a ideia de racialização dos corpos nos espaços e, principalmente, no projeto de extensão Oficina de Teatro Circulando.

Neste momento, respiro aliviada por chegar até aqui. Um dos motivos deste alívio é por conseguir escrever um trabalho sobre um assunto que, muitas vezes, aperta o peito e quase sufoca. Buscar histórias de mães com medo pelo futuro de seus filhos e de pessoas que tiveram seus futuros interrompidos é algo que me fez parar muitas vezes e secar o choro, pois eu precisava continuar. Precisava continuar porque este estudo é importante para mim e sei que para outras pessoas também. Sabemos que temos um longo caminho para percorrer, porém isso que estamos fazendo aqui - troca de ideias - se estabelece como uma força propulsora. Afinal, discutir sobre racismo, capacitismo e saúde mental da população negra é algo essencial para uma reforma civilizatória, onde possamos garantir que pessoas negras neurodivergentes possam crescer e estar em sociedade sem medos, onde profissionais negros sejam valorizados e onde pessoas brancas racializem seus pensamentos, para, de fato, proporem ações antirracistas.

Este texto é um chamamento.

Pessoas brancas, é sobre vocês. O racismo não deve ser visto como algo que apenas negros e negras devem se ater. Como dito ao longo deste texto, esta é uma doença social criada pela branquitude e, por isso, ela é quem deve se armar para lutar contra.

Pessoas negras, “a gente combinamos de não morrer”. Escolher tratar deste assunto é uma forma de seguir com afincos essa ideia que dona Conceição Evaristo, nossa mais velha, trouxe; é uma forma de seguir falando sobre isso porque precisamos insistir para sermos ouvidos. Seguir juntos é o nosso combinado para permanecer vivos e vivas.

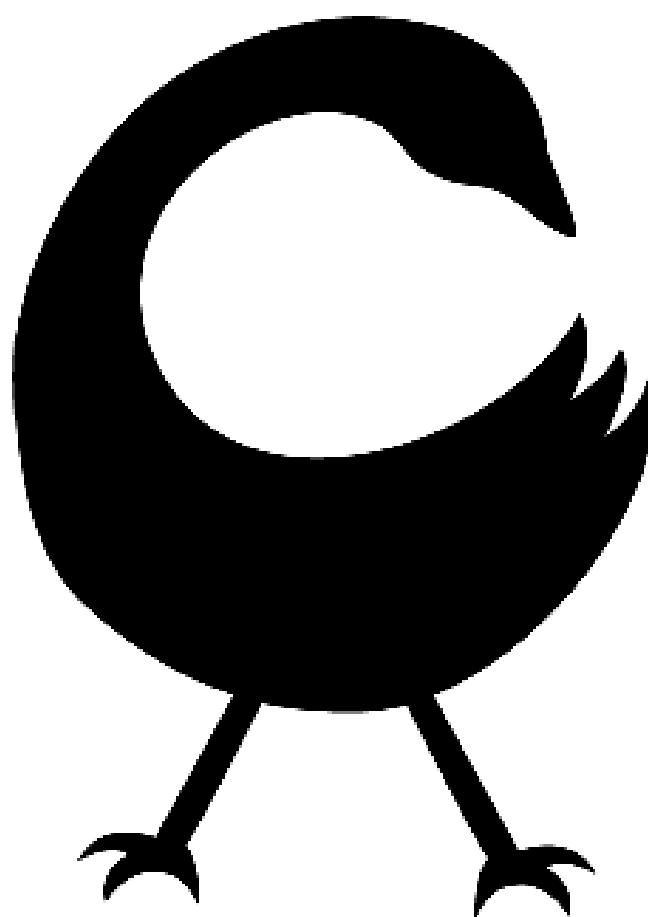
Este texto também é um agradecimento.

Trazer pessoas neurodivergentes para dentro da Academia é uma forma de reiterar que este espaço é para elas também; é quebrar os muros de um lugar que carrega em sua estrutura a ideia de “conhecimento” calcada na neurotipicidade, baseado no comportamento normativo, que molda corpos e que acredita que no mito da capacidade. E agradeço àqueles que conheço e que não conheço por começarem estes trabalhos. Agradeço à Aline Vargas por ter fundado o Circulando junto com o coletivo Teatro de Operações, dando assim, a possibilidade de eu estar aqui, disseminando este assunto. Agradeço, em especial, às parceiras de trabalho e de vida, Tavie Gonzalez, Ulli Castro e Nina Malm, por serem tão generosas e por me abraçarem nesta jornada. Agradeço às coordenadoras Joana Ribeiro e Adriana Bonfatti pela confiança. E agradeço à professora Carmela Soares por ter sido a primeira pessoa a me apresentar o

Circulando. Com a sensibilidade que ela carrega, não me surpreende ter sido tão certa no conselho.

Como já dito, Sankofa quer dizer “Volte e pegue”. Hoje, retorno aos que abriram os caminhos para que eu pudesse falar não apenas sobre dores do nosso povo, mas também sobre cura. Aos meus e minhas ancestrais que derramaram suor, sangue, lágrimas e sorrisos para que eu pudesse estar aqui hoje. À Dona Valdice, minha vó, digo: muito obrigada.

Axé, meus velhos.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BONFATTI, Adriana, TAVARES, Joana. “Oficina de Teatro Circulando: Ateliê de teatro para jovens com transtornos mentais”. Rio de Janeiro: UNIRIO/SIA, 2017
- CARMO, Eliane Fátima Boa Morte do. "História da África nos anos iniciais do ensino fundamental: os Adinkra." *Salvador: Artegraf*, 2016.
- CARNEIRO, Sueli. Negros de pele clara. *Jornal Correio Brasiliense*, p. 1, 2004.
<https://www.geledes.org.br/negros-de-pele-clara-por-sueli-carneiro/#gs.Ajvs4yo>
- DEVULSKY, Alessandra. Colorismo. São Paulo: Jandaíra, 2021. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)
- EVARISTO, Conceição. Da grafia-desenho de minha mãe, um dos lugares de nascimento de minha escrita. In: Alexandre, Marcos A. (org.) *Representações performáticas brasileiras: teorias, práticas e suas interfaces*. Belo Horizonte: Mazza Edições, p. 16-21, 2007.
- FANON, Frantz. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Maria Emília Bender, ed., São Paulo, Ubu Editora, 2020.
- FREIRE, Ana Beatriz e MALCHER, Fabio (org.). *Circulando: jovens e suas invenções no autismo e na psicose*. Rio de Janeiro: Subversos, 2014.
- GONZALEZ, Tavie de Miranda Ribeiro. O não-método como método na Oficina de Teatro Circulando: uma experiência no ensino de teatro para jovens com transtornos mentais. Trabalho de Conclusão de Curso. (Licenciatura em Teatro)-Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro/ UNIRIO. Orientadora: Joana Ribeiro da S. Tavares, 2014.
- GONZALEZ, Tavie de Miranda Ribeiro. Autismos na sala de aula – O lugar do professor de teatro na escola inclusiva. Dissertação/PPGAC/UNIRIO. Rio de Janeiro: 2019.
- HOOKS, bell. *Olhares Negros: Raça e Representação* / bell hooks; Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019.
- NJERI, Aza. Educação afrocêntrica como via de luta antirracista e sobrevivência na maafa. *Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação*. Número 31: mai.-out./2019, p. 4-17. DOI: . Disponível em: . Acesso em: 02 fev. 2020.
- ROSA, Allan. *Águas de Homens Pretos - Imaginário, Cisma e Cotidiano Ancestral*
- TAVARES, Joana Ribeiro da Silva. *Circulando – Um espaço para jovens com transtornos mentais*. Belo Horizonte: ABRACE/UFGM, 2014.
- TAVARES, Joana et al. Oficina de Teatro Circulando: experiências e trajetória de um ateliê de teatro para jovens com transtornos mentais na escola de teatro da UNIRIO. *Raízes e Rumos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. especial, p. 185-195, 2017.

VARGAS, Aline Rangel. E quem educa, o que aprende? TCC. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2013.

Links:

“CÂMARA DE GÁS DA PRF”: GENIVALDO FOI ABSOLVIDO EM AÇÃO POR SER INCAPAZ DE ENTENDER ATOS ILÍCITOS. O Globo, 2022. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/noticia/2022/05/camara-de-gas-da-prf-genivaldo-foi-absolvido-em-acao-por-ser-incapaz-de-entender-atos-ilicitos.ghtml>>

LEI Nº 13.146. Presidência da República. Secretaria-Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2015. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm>

LEI Nº 7716. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1989. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7716.htm>

LUCIANA VIEGAS: SOBRE RACISMO E CAPACITISMO. Autismo e Realidade, 2020. Disponível em: <<https://autismoerealidade.org.br/2020/11/20/luciana-viegas-sobre-racismo-e-capacitismo/>>

MENSAGEM DE VETO LEI 7716. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1989. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/Mensagem_Veto/anterior_98/VEP-LEI-7716-1989.pdf>

O QUE FOI A KLU KLUX KLAN? Super Abril, 2020. Disponível em: <<https://super.abril.com.br/mundo-estranho/o-que-foi-a-ku-klux-klan/>>

POLÍCIA DOS EUA INVESTIGA AGENTE QUE ARRASTOU HOMEM NEGRO E PARAPLÉGICO PELOS CABELOS. Folha de São Paulo, 2021. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2021/10/policia-americana-investiga-caso-de-violencia-policial-contra-homem-negro-paraplegico.shtml>>

PRIMEIRO HAVIA RACISMO E SEXISMO, AGORA HÁ CAPACITISMO. BBC, 2014. Disponível em: <<https://www.bbc.com/news/blogs-ouch-27840472>>

SEU JORGE FALA SOBRE ACUSAÇÕES DE PLÁGIO E TERAPIA AOS 50 ANOS APÓS SUGESTÃO DA FILHA. O Extra, 2021. Disponível em: <<https://extra.globo.com/tv-e-lazer/seu-jorge-fala-sobre-acusacoes-de-plagio-terapia-aos-50-aos-nos-apos-sugestao-da-filha-25256831.html>>

VÍDEO MOSTRA POLICIAIS COLOCANDO CAPUZ NA CABEÇA DE HOMEM NEGRO QUE MORREU ASFIXIADO NOS EUA. Portal de Notícias G1, 2020. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/09/02/video-mostra-policiais-colocando-capuz-na-cabeca-de-homem-negro-que-morreu-asfixiado-nos-eua.ghtml>>

Sites e Youtube:

CULTURA UNIRIO. IV Encontro Circulando com o Autismo - Mesa 3. Youtube, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=boWr9ceosL4&t=2342s>>

CULTURA UNIRIO. V Encontro Circulando com o Autismo - Dia 1. YouTube, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tt1w6EjLbw4>>

CULTURA UNIRIO. V Encontro Circulando com o Autismo - Dia 2. Youtube, 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5x14Ti0pMBE>>

LABORATÓRIO ARTES DO MOVIMENTO. <https://www.laboratorioartesmovimento.com>

OFICINA DE TEATRO CIRCULANDO. <https://www.circulandoteatrounirio.com>

OFICINA DE TEATRO CIRCULANDO. Quem Somos - Oficina de Teatro Circulando. YouTube, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wBOrUsS-KQ&t=3s>>

OFICINA DE TEATRO CIRCULANDO. Confundindo pra esclarecer. YouTube, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tgZjSIAwY3g&t=12s>>

OFICINA DE TEATRO CIRCULANDO. Teatro Circulando na quarentena - Alongamento. Youtube, 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=5piSWRm8UA4>>